

A Musicoterapia e o Bullying na Adolescência

Marcela Helena Tinem

Resumo:

Este artigo tem como objetivo discutir sobre as manifestações do *bullying* dentro do contexto educacional, apontando reflexões sobre a educação e a Musicoterapia, colocando em evidência seus pontos em comum. Apresenta os desafios que são enfrentados durante a adolescência, levado sempre em conta a importância da participação ativa dos adultos com os quais convive.

Palavras chave: Musicoterapia; *Bullying*; Adolescência; Educação.

Abstract:

The objective of this research aims to discuss the manifestations of the bully in the educational context, pointing reflections on music therapy, highlighting their commonalities. It presents challenges during the adolescence, don't forgetting the importance of an active participation of the adults with whom lives.

Key words: Music Therapy, *Bullying*; Adolescence; Education.

Introdução:

O bullying, apesar de muito discutido no século XXI, ainda é considerado um assunto um tanto quanto recente como objeto de estudo. Dividir a adolescência em três partes foi um dos trunfos de Steinberg, que detalhou as fases que o adolescente vive destacando os diversos tipos de problemas que o mesmo enfrentará até os 21 anos.

A cobrança de uma responsabilidade antes inexistente por parte dos pais é um dos fatores que colaboram para que o adolescente se sinta deprimido. Somado à um bullying excessivo na escola, tal cobrança pode

se tornar tão negativa para o jovem quanto o problema que enfrenta em seu convívio social.

O principal grupo social do adolescente é a escola. É lá que ele viverá momentos individuais, afetivos e interpessoais durante sua caminhada ao longo dos anos, e são neles que o bullying se manifestará em sua forma mais agressiva. Atitudes violentas, gozações e condenações injustas podem criar uma ruína na moral e no ego do adolescente, que se sentirá cada vez mais humilhado perante seu convívio pessoal.

A Musicoterapia consiste em utilizar a música e seus elementos para fins terapêuticos com base em técnicas e recursos adquiridos durante o curso e a vida profissional do musicoterapeuta.

Educação e Musicoterapia andam lado a lado. Juntas, elas ajudam o indivíduo a adquirir novas habilidades e conhecimentos gerais. Com o crescimento exacerbado na área, a musicoterapia começou à auxiliar a educação, mostrando para o indivíduo quem ele é.

É de suma importância que a escola esteja atenta a qualquer manifestação de bullying entre seus alunos. Aliada à musicoterapia, a educação é o agente principal no combate do bullying, e só conseguirá diminuí-lo se houver um planejamento, sem esquecer que a terapia também é um modo educacional.

O Adolescente:

A adolescência pode ser definida como a passagem da infância para a fase adulta, momento em que ocorrem mudanças anatômicas, fisiológicas e psicológicas. Já o período etário que a engloba não é consenso entre os estudiosos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPS), a adolescência é um processo no qual ocorre uma aceleração do desenvolvimento cognitivo e formação da personalidade do indivíduo. A definição da faixa etária é de dez aos dezenove anos de idade, incluindo a pré-adolescência e a adolescência.

Segundo a psicologia do desenvolvimento (Piaget, 1976), a adolescência se inicia quando ocorre a maturação sexual e a maturidade social, mostrando que o indivíduo já está pronto para atingir a fase adulta e começar a criar certa independência.

Segundo Steinberg (1993), a adolescência é uma fase dividida em três partes: a adolescência inicial, que ocorre dos 11 aos 14 anos; a adolescência média, que ocorre dos 15 aos 17 anos e a adolescência final, que compreende dos 18 aos 21 anos e é considerada também a “juventude”. É uma fase na qual ocorrem mudanças psicológicas, físicas,

sociais, sexuais, comportamentais, emocionais e mentais. Sendo assim, definida como uma fase crítica, já que é nesse período que o indivíduo começa a desenvolver sua identidade, escolhe qual será sua vida profissional e quais são seus interesses. Por isso é necessário que a família e professores estejam sempre atentos à necessidade do adolescente: suas dúvidas mais frequentes e problemas enfrentados.

A maioria dos adultos trata os adolescentes e jovens de uma maneira totalmente diferente após certo estágio. Eles exigem e cobram responsabilidades, que antes nunca lhe foram cobradas e nem ensinadas. Não conseguem respeitar sua maneira de pensar, desejos e opiniões.

Para Pataki (2009), entre os 17 e 19 anos, o jovem tem uma maior definição do self, seus interesses pessoais estão mais consolidados. Ele se envolve com pensamentos culturais, esportivos e normalmente já está inserido em um grupo.

Para Gallatin (1978), a adolescência é um período de comportamento estável e um total desequilíbrio psíquico. Portanto toda a ação do adolescente com o meio externo é a representação da sua “Luta Interna”.

Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do universo e o único objeto de interesse. (...) eles são capazes de travar as relações amorosas mais apaixonadas, e de terminá-las tão abruptamente quanto as começaram. Por um lado, eles se introduzem entusiasmamente na vida da comunidade e, por outro, têm uma necessidade extrema de solidão. Eles oscilam entre uma submissão cega a um líder eleito e uma rebelião desafiadora contra qualquer tipo de autoridade. São egocêntricos e materialistas e, ao mesmo tempo, cheios de ideias elevadas. (Gallatin, 1978, p. 53)

Segundo Osório (1992), a adolescência é uma etapa na qual a personalidade está se estruturando e a sexualidade faz parte dessa estrutura para a vida do adolescente.

O adolescente procura sempre se inserir no meio social, dentro da escola e em outros meios em que convive. A escola vai representar para o adolescente um amplo grupo social. Irá vivenciar diversos momentos individuais, afetivos e interpessoais. Essa convivência é necessária, e promove um ambiente saudável. Aquele que possui dificuldade de se relacionar com o próximo, não consegue estar inserido em nenhum grupo, e muitas vezes não consegue se adaptar ao ritmo escolar. Em geral, os jovens querem estar, na maior parte do tempo, fora de casa. A

convivência com outros jovens torna-se mais importante do que o convívio familiar, e, com isso, o adolescente passa por crises familiares, se queixando por não ser compreendido (Cárdenas, 2002).

Na adolescência, o convívio em grupo e a amizade é essencial. É nessa fase que o adolescente irá aprender a compartilhar seus sentimentos e enfrentar situações que trarão a ele a maturidade. Esse grupo auxilia o adolescente a deixar para trás a dependência da família e passar para uma fase adulta e independente (Schoen, 2002)

Segundo Kimmel e Weiner (1998), o indivíduo que se insere no meio social tem maior suporte emocional e por isso, possui uma menor possibilidade de sofrer distúrbios emocionais e mentais. Os jovens que não tem amigos não possuem habilidades sociais, portanto desenvolvem esses distúrbios facilmente. Mesmo o adolescente tendo menos amigos do que um adulto, ele dá maior importância a esses poucos amigos. Isso pode gerar uma insegurança e um medo de terem menos amigos do que “deveriam ter” (Palia & Olds, 1985).

Segundo Thomas e Daubman (2001), o adolescente se beneficia mais do que as crianças quando se relacionam, mantendo uma amizade íntima. É durante esse relacionamento que ele tem a oportunidade de se reconhecer e sentir aceito. De acordo com o sexo do adolescente, ele possui uma expectativa diferente sobre a amizade. O homem possui um relacionamento interpessoal e não individual. As mulheres possuem um relacionamento mais íntimo e de auto revelação, valorizando mais o relacionamento social.

Os adolescentes se tornam cada vez mais pensativos, não sentem necessidade de darem satisfação do que fazem para seus responsáveis, são egocêntricos como Freud (1978) apontou e, inclusive, imediatistas. Nessa fase é comum fazerem tudo com pressa e não terem paciência para realizar diversas tarefas, o que pode afetar nos estudos. As dúvidas são cada vez mais frequentes, por isso é necessário que os pais estejam acompanhando seus filhos, sempre respeitando o espaço do adolescente e tentar entendê-los ao invés de somente julgá-los por suas atitudes. É de se esperar que os pais tenham dificuldade de falar abertamente com seus filhos sobre a educação sexual e outros assuntos que são importantes na formação de seus filhos. Os responsáveis podem supor que ao falarem sobre sexualidade e outros assuntos que são tratados como tabus, estarão permitindo e incentivando o adolescente a praticar tais ações. A sexualidade é tão discutida e mudou de uma maneira tão repentina, que os pais se sentiram perdidos. Portanto os pais devem lidar primeiramente

com sua própria sexualidade, para que possa lidar com a sexualidade de seus filhos (Crizóstomo, 2005).

Cada vez mais, a sexualidade tem sido tema de discussão e debate não apenas na sociedade brasileira e sua importância fica ainda mais pronunciada quando controvérsias sobre o aborto, os direitos das minorias sexuais e, mais recentemente, a alarmante propagação da AIDS se colocaram no centro das atenções públicas na vida contemporânea (Parker, 1991, p. 17).

Segundo Knobel (1992), a diferenciação de sexualidade dentro da sociedade se inicia desde o nascimento da criança. Os pais irão diferenciar seus filhos a partir da escolha de roupas, brinquedos e cores. Os pais são “encarregados” de impor essas diferenças para que seus filhos saibam diferenciar e construir sua identidade.

É necessário estabelecer regras e rotina ao adolescente, para que aprenda, desde cedo, a lidar com suas responsabilidades e obrigações de uma maneira saudável. Isso trará autonomia para as atividades diárias, transmitirá segurança e também reduzirá a ansiedade. Por serem imediatistas, os jovens não procuram ter uma alimentação equilibrada. Escolhem sempre coisas mais práticas como o *fast food* e, ao mesmo tempo, se preocupam em estar dentro do padrão de beleza exigido pela sociedade. Na maioria das vezes, essas situações implicam na saúde do adolescente, na qual ocorrem problemas como a bulimia, anorexia e até mesmo a obesidade. Para o adolescente, é mais importante que o próximo o aceite, porque ele não consegue ter uma personalidade definida, já que está passando por diversos problemas de autoconfiança (Cury 2002).

Para Calligaris (2001), a juventude tem como ideal o consumismo, que é o desejo adulto na adolescência; nessa geração é necessário ter tudo aquilo que a mídia insere no meio social, por meio de propagandas, novelas e internet. O adolescente se torna impulsivo e deseja tudo que vê o tempo todo. A culpa é também dos pais que não ponderam e agem de maneira imediatista com seus filhos, para suprir a falta que fazem no dia a dia de seus filhos. Essas atitudes podem transformar o adolescente em um adulto que não saberá lidar com dificuldades e não terá autonomia. Portanto, o indivíduo será um adulto com dificuldade de encontrar sua carreira profissional, e não conseguirá trabalhar e deixar de depender dos pais e procurará sempre a maneira mais fácil de obter as coisas.

Bullying na adolescência:

A palavra bullying, segundo o dicionário de Oxford (2010), é derivada do inglês *bully* que significa agressor, brigão, valentão, maltratar e ameaçar. Segundo Fante (2005) esse termo foi adotado a diversos países para definir o ato agressivo e de perseguição.

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying" (Fante, 2005, p. 28-29).

Para Olweus (1993), três critérios são importantes para identificar se está ocorrendo o bullying escolar: se as ações são repetitivas contra a vítima durante um tempo prolongado; se o agressor sente que tem um poder e desestabiliza a vítima sem dar a chance de se defender; e quando o agressor não tem motivo para agredir a vítima.

Segundo o autor, existem duas maneiras de ocorrer o bullying: o bullying direto, que é quando o agressor ataca o estudante contra o outro, sendo feito verbalmente, fisicamente ou gestual. Já o bullying indireto ocorre quando o agressor pratica a exclusão, dificultando o convívio social dentro da sala de aula.

Para Martins (2005), existem quatro categorias de comportamento de bullying: o direto e físico, que inclui a agressão, o ameaçar e obrigar a vítima a realizar atividades contra a vontade dele; o direto e verbal, quando a agressão é feita pelo meio verbal, fazendo comentários de insulto, criticando e apontando coisas negativas no adolescente; o indireto, que inclui o modo de agressão a partir de ameaças e manipulações com a vítima; e por último, o mais recente, o bullying virtual ou Cyberbullying, que ocorre por meio da tecnologia (celular, redes sociais e internet). Nesse caso, segundo Silva (2010) essa prática é predominante pelos meninos.

Segundo Fante (2005), existem tipos de vítimas: a típica, que serve de “bode expiatório” para um grupo de adolescentes. Esse indivíduo normalmente é pouco sociável e sofre agressões repetitivamente. Já a vítima provocadora é aquela que se envolve e provoca em determinada situação e não consegue lidar com as

consequências que são geradas. Normalmente esse indivíduo possui costumes intoleráveis independente do ambiente que está inserido. A vítima agressora é aquela que pratica o que acontece com ela, com pessoas mais frágeis, transferindo tudo aquilo que sofreu. O agressor é quem pratica o ato de agredir, ameaçar sem motivo aparente. O espectador é o observador, ele não sofre nenhum dano e também não pratica.

Na visão de Neto (2005), o bullying prevalece entre os alunos de 11 e 13 anos. Normalmente não são advertidos por cometerem a agressão e continuam praticando, muitas vezes sem entender o porquê da prática.

As consequências do bullying escolar, para Silva (2010), variam para cada pessoa e a forma que ele foi aplicado na vida do adolescente. Todas as vítimas sofrem com a prática e muitos não conseguem canalizar esse sofrimento e transferem isso para a vida adulta, futuramente. Os problemas mais comuns são os transtornos mentais e alimentares, tais como: depressão, ansiedade, baixa autoestima, bulimia, anorexia, fobia social e escolar. Essas consequências não são geradas somente nas vítimas, mas também nos espectadores e nos agressores. Elas são visíveis quando o adolescente possui dificuldade de seguir regras e se adaptar em novos ambientes. A causa maior para todos os envolvimento é o desenvolvimento dos alunos dentro da sala de aula. Normalmente desenvolvem déficit de atenção que irá afetar na vida pessoal, profissional e social (Fante, 2005).

Segundo Kaufman (2001), existem características na personalidade do adolescente que o torna vulnerável às ações e dificulta a aceitação em um grupo específico. A proteção excessiva dos pais pode dificultar a comunicação desse adolescente com o meio social, que acaba sendo responsável pelas frustrações dos pais.

Musicoterapia e o *Bullying* dentro do contexto educacional:

Para Bruscia (2000), existem semelhanças entre a terapia e a educação, as duas auxiliam o indivíduo a adquirir novas habilidades e conhecimentos gerais. Portanto, o número de musicoterapeutas na área da educação tem crescido cada vez mais.

Para Silva (2011), esse crescimento é decorrente da proximidade que o musicoterapeuta tem do educador. Compartilhando de objetivos e rumos similares, a terapia e a educação podem levar o indivíduo a se auto perceber, onde está situado e a partir desse processo ocorrerá uma transformação.

Convém, pois reconhecer o que é o ser humano, que pertence ao mesmo tempo à natureza e à cultura, que está submetido à morte como todo animal, mas que é o único ser vivo que crê numa vida além da morte e cuja aventura histórica conduziu-nos à era planetária. Só assim se pode obedecer à finalidade do ensino, que é ajudar o aluno a se reconhecer em sua própria humanidade, situando-a no mundo e assumindo-a. (...) Aprender a viver significa preparar os espíritos para afrontar as incertezas e os problemas da existência humana. (Silva, 2011, p. 131)

Para o autor a terapia também é um modo de educação, pois a partir dela o indivíduo também pode se auto conscientizar e saber a realidade em que está inserido. Nisso, a terapia e a educação andam juntas, pois o indivíduo pode ser estimulado com diversas abordagens, a principal ideia é atingir uma mudança comportamental.

Segundo Santos (2014), o musicoterapeuta e o educador deve sempre questionar qual a finalidade da sua atuação, para visar a saúde do ser humano.

Para Silva (2003), dentro do contexto escolar, a criança que apresentar dificuldade na aprendizagem pode ter como sinais diversas indicações, como falta de concentração e dispersão nas atividades. Esse tipo de comportamento pode alterar o relacionamento social dentro do cotidiano. O musicoterapeuta, para Silva (2011), deve ter conhecimentos sociais, culturais e educacionais para lidar com alunos e professores dentro do contexto educacional.

Nogueira (2005) discorre sobre a importância dos professores terem conhecimento maior sobre o bullying dentro do ambiente escolar. Aponta que no Brasil o assunto é pouco pesquisado e considera que:

O bullying acontece entre jovens e crianças de todas as classes sociais, e não está restrito a nenhum tipo determinado de escola. Por violência entre pares entendem-se maus-tratos, opressão, intimidação e ameaças que ocorrem de forma intencional e repetida. Isso inclui gozações, apelidos maldosos e xingamentos que magoam profundamente a criança e pode causar sérios prejuízos emocionais, como perda de autoestima e exclusão social (Nogueira, 2005, p.101)

O papel da escola é perceber a atuação do bullying dentro do ambiente escolar, pois isso ocorre de uma maneira muito sutil e acabar

com a prática para que isso não influencie mais na aprendizagem dos estudantes (Fernandes, 2011).

Santos (2014, p.70) conclui que

o trabalho terapêutico na educação pode contribuir para uma mudança de olhar por parte do educador e do educando, para que consigam estabelecer uma relação pautada no diálogo e na escuta mobilizando a abertura de canais de expressão, por meio do som, do movimento e da própria música.

Considerações Finais:

Ao longo desse estudo foi possível observar que a Musicoterapia e educação podem andar lado a lado, trabalhando questões de autoconsciência no caso do bullying, tanto com o agressor quanto com a vítima. Com isso, será possível criar um modo de prevenção entre os estudantes e assim possibilitar que haja melhor desempenho dentro do contexto escolar e uma melhora considerável dentro do ambiente familiar.

Para isso, os educadores e os musicoterapeutas devem ser capacitados para poderem lidar com adolescentes que estão passando por esse problema, possibilitando que esses adolescentes possam conviver socialmente de maneira saudável.

É interessante propor que haja uma interação maior entre musicoterapeuta, educador, aluno e família. Assim o processo pode ocorrer de maneira mais eficiente, já que todos podem saber o que ocorre nesses diferentes ambientes, criando uma possível intervenção no meio escolar com a intenção de prevenir e controlar o bullying.

Referências:

- BRUSCIA, K. E. Definindo Musicoterapia. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CALLIGARIS, C. A adolescência. Coleção Folha Explica. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2001.
- CÁRDENAS, J. C. *Adolescendo*: um estudo sobre a constituição da identidade do adolescente no âmbito da escola [tese]. Brasília (DE): Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2000.
- CURY, A. *Manual dos Jovens estressados*. Rio de Janeiro: Planeta, 2012.
- CRIZÓSTOMO CD,. Planejamento familiar na visão das adolescentes puérperas. *Rev Rene*, v. 6, n. 1, p. 29-36, 2005.
- DAVIM, R. M. B. et al. *Adolescente/Adolescência*: Revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. Julho 2008. Disponível em:

http://www.revistarene.ufc.br/10.2/html/10_2_14.html

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e*. GALLATIN, J.E. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da Psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

KAUFFMAN, J. M. *Characteristics of emotional and behavioral disorders of children and youth*. Upper Saddle River (NJ): Merrill Prentice Hall, 2001.

KIMMEL DC, Weiner IB. *La adolescencia: una transición del desarrollo*. Barcelona, Editorial Ariel, 1998.

KNOBEL, M. *Orientação familiar*. Campinas: Papirus, 1992

MARTINS, Maria José D. Agressão e vitimização entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. *Revista Análise Psicológica*. Out, v. 23, n. 4, p. 401-425, 2005.

NETO, Lopes A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediatr* (Rio J), 81(5 Supl), p. 164-172, 2005.

NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 37, p. 93-102, 2005 b.

OLWEUS, D. *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford, UK: Blackwell, 1993.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Cartilha: Bullying - justiça nas escolas*. 1ª ed. Conselho Nacional de Justiça. Brasília, 2010.

OSÓRIO, L. C. O que é adolescência, afinal? In: *Adolescente hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PASSARINI, Luisiana B. França et al. Educação Musical no Desenvolvimento da Criança: Trilhas da Musicoterapia Preventiva. In: *Anais XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Olinda, 2012.

PATAKI C. Adolescence. In: Sadock BJ, Sadock VA, Ruiz P. eds. Kaplan & Saddock Comprehensive Textbook of Psychiatry (II). New York: Lippincott Williams and Wilkins, 2009.

PIAGET, J.; GRECO, P. *Aprendizagem e Conhecimento*. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, J.; INHELDER, B. *Da Lógica da Criança a Lógica do Adolescente*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PARKER, R.G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991. P.17

SANTOS, Carolina Ferreira. Musicoterapia na Educação: convergências e divergências no contexto escolar. In Cantare: *Rev. Do Núcleo de*

Estudos e Pesquisar Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, p.58 - 72, v. 5, 2014.

SCHOEN-Ferreira Perfil e principais queixas dos clientes encaminhados ao Centro de Atendimento e Apoio Psicológico ao Adolescente (CAAA) – UNIFESP/EPM. *Psicol Estud* 2002; 7:73-82.

SILVA, M. R. Anorexia nervosa em crianças e adolescentes: uma experiência clínica hospitalar. *Mudanças*, 11, p. 21-40, 2003.

SILVA, Laryane Carvalho Lourenço da. A Musicoterapia num contexto educacional: perspectivas de atuação. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, n. 11, p.117-143, 2011.

STEINBERG, Laurence. *Adolescence*. 3. ed. New York: McGraw-Hill, 1993.

THOMAS J, DAUBMAN KA. The relations between friendships: quality and self-esteem in adolescent girl and boys. *Sex Roles*, 45: 53-64, 2001.

Papalia DE, Olds SW. *Desarrollo Humano*. México, McGraw-Hill, 1985.